

PARA ALÉM DAS ONDAS: UM PONTO DE PARTIDA SOBRE O SIGNIFICADO SOCIAL DA VARIAÇÃO ENTRE DITONGO NASAL ÁTONO FINAL E VOGAL ORAL NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

BEYOND THE WAVES: A STARTING POINT ABOUT THE SOCIAL MEANING OF THE VARIATION BETWEEN FINAL UNSTRESSED NASAL DIPHTHONG AND ORAL VOWEL IN BRAZILIAN PORTUGUESE

Christina Abreu Gomes

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO, BRASIL

christina-gomes@uol.com.br

DOI: <https://dx.doi.org/10.21814/diacritica.21>

Este artigo apresenta o resultado de estudo sobre o significado social da variação entre ditongo nasal átono final e vogal oral, como em *homem* ~ *homi*, a partir do comportamento observado de falantes do Português Brasileiro em função da variável estilo de fala. Além disso, apresenta uma reflexão sobre as diferentes “ondas” ou abordagens do estudo do significado social da variação conforme apresentadas por Eckert (2012) para situar o ponto de partida deste estudo no conjunto de práticas analíticas para o estudo da variação desenvolvidas no âmbito da abordagem da Sociolinguística. Argumenta-se que o estudo do significado social da variação constitui um desafio interdisciplinar que deve abarcar tanto aspectos macro quanto microssociais. Especificamente em relação ao objeto de estudo, os resultados para estilo de fala indicaram que a variação apresenta estratificação estilística, característica típica de marcador linguístico.

Palavras-chave: variação; avaliação; estilo de fala.

This paper presents the result of a study about the social meaning of the variation between final unstressed nasal diphthong and oral vowel, such as in *homem* ~ *homi*, from the observed behaviour of Brazilian Portuguese speakers according to speech style constraint. Moreover, it also presents a reflexion on the different “waves” or approaches of the social meaning of linguistic variation as presented by Eckert (2012) to locate the starting point of this study on the set of analytical practices for the study of variation developed within the Sociolinguistic approach. It is argued that the study of the social meaning of variation constitutes an interdisciplinary challenge that must encompass both macro and micro-social issues. Specifically in relation to the object of study, the results for speech style indicated that the variation presents stylistic stratification, a typical feature of a sociolinguistic marker.

Keywords: variation; evaluation; speech style.

0. Introdução

Os estudos sociolinguísticos chegaram ao século XXI com um conjunto significativo de contribuições para a compreensão da natureza da linguagem humana. No entanto, somente mais recentemente, tem sido observado movimento de integração da variabilidade observada na fala, e, no caso específico do objeto da sociolinguística variacionista, da variabilidade socialmente indexada, na modelagem do conhecimento linguístico do falante, isto é, nos modelos teóricos da Linguística (Munson, Edward & Beckman, 2005; Coetzee & Kawahara, 2013; Pierrehumbert, 2003, 2016). As pesquisas, além de mostrarem o caráter altamente estruturado da variação observada no uso e sua relação com a mudança linguística, trouxeram também para o cenário teórico a questão do significado social das formas linguísticas e sua relação com a dinâmica da mudança linguística. Do conjunto programático de questões relativas ao estudo da mudança linguística, apresentados em Weinreich, Labov & Herzog (1968), o significado social das formas linguísticas é abordado diretamente por duas dessas questões, a questão do encaixamento (*embedding problem*) e a questão da avaliação (*evaluation problem*). De um lado, o encaixamento da mudança implica também, além de estabelecer a relação com outros aspectos do sistema linguístico, situar a mudança em relação à estrutura social, sendo a estratificação social da linguagem diretamente associada à organização da sociedade. A avaliação, por outro lado, diz respeito à atribuição de significado ou valores sociais às formas linguísticas pelos membros de uma comunidade de fala e suas consequências em relação à dinâmica da variação sociolinguística.

Este artigo tem, portanto, por objetivo apresentar os resultados de um estudo que procurou avaliar o significado social da vogal oral que alterna com ditongo nasal átono final, como em *bagagem* ~ *bagag*[ɪ], considerando o comportamento do falante em função do estilo de fala. Essa metodologia procura capturar o comportamento do falante em diferentes situações comunicativas que envolvem maior grau de formalidade. Alternância de estilo (*style-shifting*) diz respeito à variação do falante relacionada com diferentes contextos sociais, interlocutores, tópico, entre outros. Inicialmente Labov (1972a) define estilo de fala em função do grau de atenção que o falante presta à fala em diferentes situações. Nessa abordagem, observa-se o comportamento do falante em situação de leitura de texto, lista de palavras e lista de pares mínimos, que é comparado com a produção em situação de fala espontânea das entrevistadas. Bell (1984) pro-

pôs que a mudança de comportamento do falante em função do estilo de fala se dá em função da audiência e não em função da atenção prestada à fala, nos termos de Labov. Mais recentemente, a variação estilística passou a ser definida não como uma reação a um situação pré-estabelecida, mas como uma fonte de criação ativa através da qual a identidade do falante é estabelecida, apresentada e recriada (Schilling-Estes, 2002:388). Eckert (2012) apresenta uma revisão do desenvolvimento dessas abordagens e sua função na identificação do significado social da variação linguística. Neste artigo, apresentamos uma reflexão sobre a posição de Eckert (2012) e defendemos que as abordagens são complementares, uma vez que as respectivas metodologias permitem acessar diferentes aspectos do significado social das variantes linguísticas na comunidade de fala no que diz respeito a estruturas macro e microssociais. Assim, as contribuições advindas de estudos que focalizam o significado social da variação linguística devem ser entendidas “para além das ondas”, isto é, para além de uma visão compartimentada em/por diferentes objetos e metodologias. Cada objeto e metodologia específica permite capturar aspectos diferentes da complexa organização da sociedade em diferentes grupamentos a que pertencem os falantes, sejam estes macro ou microssociais.

Esse artigo se estrutura da seguinte maneira: na seção 1, são apresentadas a análise de Eckert sobre os estudos de avaliação do significado social das variantes e as reflexões sobre essa abordagem; a seção 2 traz uma breve revisão da literatura sobre a alternância entre ditongos nasais átonos finais e vogal oral, a metodologia de estudo e os resultados obtidos(1); e finalmente, na seção 3, são apresentadas as considerações finais.

1. Para além das “ondas” do estudo do significado social da variação linguística

Eckert (2012) apresentou uma análise reflexiva das tendências observadas na pesquisa sociolinguística sobre o significado social das formas linguísticas. De acordo com Eckert (2012), a abordagem do significado social da variação pode ser observada em três movimentos diferentes ou ondas. As três ondas se diferenciam em função do enfoque teórico e de procedimentos metodológicos. A primeira onda corresponde à abordagem da variação a partir de amostras de comunidades de fala organizadas em função de

(1) O trabalho de pesquisa teve a participação da bolsista de Iniciação Científica Taís da Silva Fagundes com bolsa PIBIC/CNPq.

categorias sociodemográficas, como classe social, idade, sexo, etnia, escolaridade, cuja função é permitir verificar a dinâmica da variação e a difusão da mudança no espaço social conforme os estudos desenvolvidos a partir do trabalho de Labov *Social Stratification of English in New York City* de 1966. A partir de então, os diversos trabalhos realizados se basearam em amostras constituídas para a finalidade de detectar o status da variação, se estável ou mudança em progresso, e os correlatos sociais propiciados pelos parâmetros de estratificação das amostras, identificando padrões de comportamento para classe social, para homens e mulheres e idade (Chambers, 2002). A segunda onda focaliza aspectos mais locais ou da relação entre setores da sociedade (ou classes) a partir do indivíduo. O trabalho de Leslie Milroy sobre redes sociais é representativo desta abordagem. Milroy (1987), dentre outros, mostrou que o grau de relação entre indivíduos de um determinado grupo social, traduzido na noção de redes, determina o grau de manutenção do vernáculo que caracteriza aquele grupo. Assim, a observação do comportamento de indivíduos da classe trabalhadora de Belfast com relação à alternância na realização da fricativa interdental sonora do inglês em contexto intervocálico, como em *brother* (irmão), mostrou que redes sociais mais densas, que indicam forte interação entre indivíduos do mesmo grupo ou classe social, vão levar a uma valorização e conservação do vernáculo local, tendência à não realização de *(th)*, ao passo que indivíduos que participam de redes esparsas e orientação para fora do grupo tendem a adotar formas da variedade padrão. O estudo etnográfico de Eckert (1989, 2000) também é representativo desta abordagem. O trabalho focalizou o comportamento de dois grupos de adolescentes – *jocks* e *burnouts* – nas escolas de ensino médio (*High School*) com predominância de brancos na região de Detroit, cidade localizada ao norte dos Estados Unidos na fronteira com o Canadá. *Jocks* e *burnouts*, conforme referidos pelos próprios adolescentes, correspondem, respectivamente a culturas de classe média e classe trabalhadora. O trabalho de Eckert mostrou que o comportamento dos dois grupos não é apenas um reflexo direto da categoria social a que seus pais pertencem, mas que padrões de variação continuam se desenvolvendo na adolescência como parte do desenvolvimento da identidade social que está ainda em construção nesta fase. A terceira onda, segundo Eckert, se caracteriza por uma mudança de visão da variação como reflexo de categorias sociais, presente nos trabalhos de primeira e segunda onda, para uma visão de “prática linguística na qual os falantes se colocam no cenário social através da prática estilística” (Eckert, 2012:93-94). A prática estilística envolve o compartilhamento de valores,

perspectivas e identidades entre grupos de indivíduos que se delimitam e se reafirmam através de determinada prática linguística, ao mesmo tempo em que constroem e replicam essas práticas. O conceito importante aqui é o de comunidade de prática que, segundo Meyerhoff (2007:189), se caracteriza por um engajamento mútuo, objetivos comuns e um repertório compartilhado. É importante mencionar que essas abordagens não são excludentes entre si, e, embora haja uma cronologia que demarca cada abordagem ou onda, as abordagens não são sucessivas, uma vez que nenhuma substituiu a outra. Schilling-Estes (2002) também apresenta uma revisão crítica das três abordagens da variação estilística, mostrando os avanços e limitações de cada uma delas. Recentemente Freitag et al. (2012) apresentaram uma reflexão relacionada à concepção de bancos de dados para o estudo da variação sociolinguística nos diversos grupos de pesquisa no Brasil e sua relação com as três ondas mencionadas por Eckert (2012).

Para Eckert (2012:93-94), os estudos da primeira e segunda onda se caracterizam por focalizar categorias estáticas de falantes equacionando identidade com pertencimento à categoria, ao passo que, nos trabalhos da terceira onda, a variação é vista não mais como reflexo de identidades sociais e categorias, mas como prática linguística que situa os falantes no cenário social. Em outras palavras, o significado social das variantes é construído na prática linguística, nos diferentes contextos de uso, ao mesmo tempo em que é influenciado por esses contextos e os caracteriza. Assim, define a variação como um sistema semiótico capaz de expressar um conjunto amplo de questões sociais, que estão continuamente em mudança. A mutabilidade está presente na dinâmica social e se dá na prática estilística à medida que os falantes fazem mudanças sócio-semióticas reinterpretando a variação em um processo contínuo de significação e ressignificação (pg. 94). A autora conclui (p.98) dizendo que a noção de estilo tem fundamentação ideológica e, assim, a terceira onda localiza a ideologia na linguagem propriamente dita, na construção do significado.

No entanto, em que medida classe social, uma das categorias importantes da primeira onda, se caracteriza por ser uma categoria estática? Existe uma total independência entre a prática estilística de grupo de indivíduos com mesmos valores, perspectivas e identidades, as comunidades de prática, e categorias macrossociais como classe social? Se linguagem é ideologia, qual conceito está sendo utilizado neste caso? Neste artigo, será focalizada somente a questão relativa à visão de classe social como estática, dado o objetivo duplo deste artigo e a necessidade de um tratamento aprofundado desses temas.

Para situar a questão levantada em Eckert sobre a limitação da variável classe social em capturar o significado social da linguagem, será referida a abordagem sociológica de Gurvitch (1982:169-177), um autor clássico que aborda a questão das classes sociais. Segundo o autor, a definição de classe inclui, além do aspecto social e psicológico, o aspecto econômico, uma vez que nas sociedades, sejam capitalistas ou não, “os modelos técnicos, as funções e as organizações econômicas têm um papel de primeiro plano na hierarquia das camadas em profundidade” (Gurvitch, 1982:170). As classes sociais são grupamentos de fato, uma vez que se constituem sem nenhuma intervenção da vontade de seus membros. Constituem macrocosmos de grupamentos de diversas naturezas, penetram todos os grupamentos e integram-nos parcialmente no seu quadro. Os grupamentos voluntários, sejam eles culturais, intelectuais, etários, de gênero, profissionais ou outro, não só expressam as classes como também há contradições em seu interior, uma vez que não necessariamente vai haver a mesma postura de seus membros frente à sociedade. Além disto, os grupamentos voluntários também podem ser multiclassistas. Isso tudo caracteriza uma dinâmica social e, dessa forma, classe social não pode ser qualificada como uma categoria estática. Já o conceito de comunidade de prática é equivalente ao de grupamento voluntário no sentido de que, além do contato direto entre seus membros, compartilham um mesmo objetivo. Assim, comunidades de prática também podem ser uniclassistas ou multiclassistas, não estando, portanto, desvinculadas da noção de classe social, a que, a princípio, se integram.

Sendo assim, as diferentes ondas podem ser situadas em relação à abordagem do significado social da variação em diferentes grupamentos ou setores da sociedade, em um contínuo que vai de classes sociais, passando por setores de cada classe e grupamentos mais específicos, definidos em função de perspectivas, valores e identidades comuns, como as comunidades de prática. A cada recorte corresponde um conjunto distinto de questões teóricas relativas à dinâmica da variação e da mudança que podem ser tratados a partir de determinados procedimentos metodológicos. Por exemplo, a relação entre a abordagem de classe social e a de redes sociais nos estudos sociolinguísticos foi claramente determinada. Não há contradição entre as duas noções, uma vez que não há independência entre a rede social de um indivíduo e as estruturas sociais, políticas e econômicas maiores que influenciam o comportamento do indivíduo, no sentido de que “uma análise de redes social da variação sociolinguística não compete com a análise em termos de conceito de nível macro como o de classe social” (Milroy,

2002:550). Neste caso, a questão se refere às relações entre indivíduos da mesma classe ou de classes diferentes. É preciso, portanto, situar os indivíduos de uma determinada rede em sua própria classe e em relação a outras redes que podem ser compostas por indivíduos de outras classes. Já os estudos com base no microcosmo de uma comunidade de prática (aqui microcosmo em relação à concepção de macrocosmo de classe social) focalizam o comportamento linguístico em relação a setores da mesma classe social ou de mais de uma, capturando, portanto, sua dinâmica que inclui a emergência de novos setores ou grupamentos. Por exemplo, o trabalho de Zhang (2005) aborda o comportamento de funcionários de setores emergentes da economia chinesa, *yuppies*, funcionários com alta remuneração de empresas de mercado financeiro de capital estrangeiro, e o de gestores estatais, que constituem atividades de transição de um capitalismo de estado para um capitalismo de mercado, setores, portanto, da mesma classe na China. O estudo focaliza o comportamento desses dois grupos em relação a quatro variáveis sociolinguísticas do Mandarim de Beijing – rotacismo em final de palavra ([pau] ~ [pau.ɿ] ‘bolsa’), lenição de obstruents iniciais que tendem ao rotacismo, antecipação de sibilantes alveolares, [s] ~ [θ], [ts] ~ [tθ], e alternância tonal em sílabas átonas, alternância entre tom neutro e tom realizado (*full tone*). O tom neutro se caracteriza por ser mais fraco ou ausente. A forte tendência à rotacização em final de sílaba, à articulação interdental de sibilantes, ao enfraquecimento de obstruents em posição inicial e ao uso do tom neutro em sílabas átonas caracteriza a variedade local do Mandarim em relação ao Mandarim Padrão. Além disso, cada uma dessas variáveis está também relacionada a tipos específicos locais. No caso da variável tonal, a realização do *full tone* não só está relacionada a um distanciamento da variedade local como também tem uma dimensão cosmopolita, isto é, é associada a uma identidade relacionada a uma variedade usada nos meios de comunicação de massa transnacionais. O comportamento dos *yuppies* emergentes foi no sentido oposto, se diferenciando da variedade local, mais usada pelo outro grupo estudado, sendo a diferenciação entre os dois grupos mais acentuada no uso do *full tone*. Esse comportamento, segundo o autor, não só reflete categorias sociais existentes como também é um recurso para a construção dessas categorias em um contexto de mudança social, uma vez que o comportamento observado dos *yuppies* não só os identifica como cosmopolitas, mas também cria uma diferenciação com o grupo dos gestores estatais identificando-os como locais, levando à formação de uma variedade do mandarim mais valorizada no mercado linguístico, consequência das transformações econômicas por

que passa a China. Ou seja, o comportamento focalizado na comunidade de prática precisa ser situado também em relação a categorias macrossociais, no caso, classe social, para ter sua dinâmica compreendida. Por outro lado, o estudo mostra que não há necessariamente uma relação de determinação de classe sobre outras categorias sociais.

Do exposto, é possível estabelecer a seguinte relação entre comunidades de prática e classes sociais. O foco no comportamento linguístico de uma comunidade de prática captura a dinâmica interna de setores de uma mesma classe ou da interrelação entre classes. Nesse sentido, a comunidade de prática se distingue das classes, mas não se coloca a parte, isto é, não é independente ou completamente autônoma em relação às classes sociais. Não há como isolar a comunidade de prática fora do ambiente das classes sociais e nem as classes são determinantes diretos do comportamento de grupamentos menores. Essa relação é indicativa de uma dinâmica que permeia todas as organizações da estrutura social. Do ponto de vista da condução da pesquisa sociolinguística, as questões teóricas colocadas e as metodologias empregadas nas diferentes abordagens ou ondas dos estudos sobre a significação social da variação se relacionam com diferentes setores da organização social. Assim, a identificação do comportamento do falante em função do estilo de fala e de classe social (ou escolaridade) não captura necessariamente um valor estático, mas um valor associado a características sociais mais abrangentes e que podem ter consequências no comportamento do falante quando observado em relação a grupamentos de outra ordem. Da mesma maneira, diferenciações identificadas em comunidades de prática uniclassitas ou multiclassitas podem também revelar a dinâmica e o embate intra e interclasses da sociedade, além de poder indicar ou capturar um tipo de resignificação de identidades de diferentes setores da sociedade, nos termos de Eckert.

É importante mencionar que a abordagem da terceira onda remete à perspectiva de Silverstein (2003), que introduz o conceito de ordem indexal, segundo o qual o valor social da forma (sua indexicalidade) é uma construção cultural. O autor, no entanto, propõe uma relação dialética entre contexto micro-sociológico (contexto interacional) e contexto macro-sociológico (classes sociais, sexo, etc). O que está em questão, portanto, para a pesquisa sociolinguística, é o desafio interdisciplinar de buscar identificar o significado social das formas linguísticas no *continuum* classe social – comunidade de prática através de uma relação dialética e não de determinação de uma sobre a outra.

O estudo do valor social de produções como *homi*, *garagi*, *bagagi* do Português Brasileiro, a partir da observação do comportamento dos falantes em função da variável estilo de fala, pode ser enquadrado na prática analítica dos estudos sociolinguísticos que focalizam o comportamento do indivíduo em função de valores sociais relacionados à macro-estrutura da sociedade, valores estes difundidos na escola, meios de comunicação de massa etc, em práticas discursivas relacionadas ao comportamento esperado em situações de formalidade, que levam a um maior monitoramento do falante em relação à sua produção linguística. Obviamente, o tipo de monitoramento (maior ou menor) está relacionado à situação ou contexto de fala, considerando o tipo de audiência que o falante supõe para aquela situação (leitura de texto e lista de palavras) e a identidade sociolinguística que quer expressar. Isso equivale a dizer que a cisão conceitual de *style-shifting* presente nas três abordagens ou ondas precisa ser integrada em uma modelagem que leve em conta os diversos fatores que contribuem para a construção e manifestação da identidade sociolinguística dos falantes em relação a todos os tipos de grupamentos sociais.

Na seção a seguir, serão apresentados os resultados de um estudo fundamentado na perspectiva de Labov de observação do significado social de variantes de uma variável com foco no estilo de fala. Esse estudo constitui um ponto de partida sobre o tema na medida em que é o primeiro que procurou avaliar o significado social da alternância entre ditongo nasal átono final e vogal oral no PB, embora não esgote todas as possibilidades de significação na dinâmica social dessa variável.

2. Um ponto de partida sobre o significado social da variante oral na variação entre ditongo nasal átono final e vogal oral

2.1. Descrição da variável estudada

Os primeiros estudos sobre a variação entre ditongo nasal em final de palavra e vogal oral, como em *órfão* ~ *órfu*, foram os de Votre (1978) e Guy (1981) com dados de falantes da cidade do Rio de Janeiro da Amostra MOBREAL (adultos em alfabetização), sendo que o estudo de Guy incluiu também falantes de nível universitário. Os resultados obtidos no estudo de Votre indicaram se tratar de um processo de mudança no sentido da perda da nasalização e redução do ditongo. O estudo de Guy, por outro lado, revelou um quadro de variação estável. O envelope da variação nos dois estudos incluiu ditongos nasais finais tanto átonos quanto tônicos, res-

pectivamente, como em *garagem*, *falaram* e *irmão*, *falarão*. Essa variável também foi estudada por Battisti (2002), Schwindt & Bopp da Silva (2012) e Schwindt, Bopp da Silva & Quadros (2012), definindo um envelope de variação que exclui os ditongos em sílaba tônica, utilizando dados dos três estados que compõem a Amostra VARSUL: Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Os trabalhos convergem em relação aos resultados dos condicionamentos estruturais da variação: há tendência de realização da vogal oral quando a consoante anterior é nasal, o contexto seguinte é uma vogal, a vogal núcleo do ditongo é a vogal *e* e em nomes terminados em *-gem*. No trabalho de Gomes, Mesquita & Fagundes (2013), o envelope da variação foi definido considerando a alternância somente entre ditongos nasais átonos e vogal oral em que a nasalidade não tem valor morfológico. O estudo foi realizado com dados de falantes com Ensino Fundamental e Ensino Médio da cidade do Rio de Janeiro. Foi encontrado o efeito relativo à distância do ditongo final ou vogal oral em relação à sílaba tônica seguinte: quanto maior a distância, maior a tendência de realização da vogal oral. Esse resultado indicou ser a realização da vogal oral favorecida em contexto prosódico fraco em função da distância maior da sílaba tônica do vocábulo seguinte. Também foi verificado o efeito do item lexical, isto é, há itens que tendem a ocorrer com a vogal oral, como *passagem* e *homem*, ao passo que *jardinagem* e *jovem* tendem a ocorrer com o ditongo. O estudo também mostrou que há mais ocorrência de vogal oral com falantes de baixa escolaridade, decrescendo sua realização conforme aumenta a escolaridade: Ensino Fundamental incompleto, 58%, peso relativo 0,720; Ensino Médio, 26%, peso relativo 0,163. O perfil de distribuição por faixa etária indicou se tratar de um processo de variação estável.

Uma vez detectado o efeito de escolaridade na realização da variante oral, uma questão que se coloca diz respeito ao significado social desta variante na comunidade de fala em questão. Há poucos estudos que focalizam a atitude linguística dos falantes em relação à variação no português brasileiro, sendo, portanto, uma área dos estudos sociolinguísticos pouco explorada nas pesquisas no Brasil. Normalmente, os trabalhos caminham até o ponto da identificação de efeito de escolaridade, parâmetro mais usado nas amostras em substituição a classe social, ou associação entre escolaridade e sexo dos falantes, para situar o valor social das variantes, a partir dos dados de produção espontânea. Alguns trabalhos foram além e buscaram observar estilo de fala na estrutura da entrevista (Hora & Wetzels, 2011) e atitudes linguísticas através de pesquisa qualitativa e testes (Tarallo & Duarte, 1988; Bortoni, Gomes & Malvar, 2003; Oushiro, 2014; Lopes & Lima, 2015, entre outros).

2.2 Metodologia

Para observar o significado social da variante oral alternando com o ditongo nasal átono final, para além dos resultados de distribuição por escolaridade, o método escolhido se insere no tipo desenvolvido nos trabalhos classificados como de primeira onda por Eckert (2012). Especificamente, o tratamento dado por Labov (1966) situa estilo de fala a partir do falante, isto é, a partir do grau de atenção prestado à sua própria fala, enquanto na abordagem de Bell (1982), a variação estilística está relacionada ao monitoramento em função da audiência e não do próprio falante. A observação do comportamento do falante em relação ao estilo de fala parte da hipótese de monitoramento de sua própria fala em função do grau de formalidade da situação discursiva. Essa metodologia permite capturar valores sociais associados à ideia de prestígio e estigma de formas linguísticas, no caso as variantes, isto é, quais os valores presentes na comunidade de fala em um determinado momento para determinadas formas linguísticas e que podem refletir identidades sociais relacionadas com grupamentos macrossociais. Com relação à pesquisa que focaliza o comportamento do falante em relação ao estilo de fala, os estudos mostraram a inter-relação entre variação estilística e características macrossociais como classe social, idade e o grau de sistematicidade do estilo mais casual ou vernáculo (Labov, 1972b; Schilling-Estes, 2002). Longe de abarcar o conjunto complexo de relações sociais no interior da comunidade de fala do Rio de Janeiro e de diferentes situações interacionais e práticas estilísticas, o presente estudo pretendeu ser um ponto de partida para identificar se há monitoramento do falante em relação à variante oral em função de diferentes estilos de fala e da propriedade de frequência de ocorrência dos itens lexicais. Foi controlada a frequência de uso dos itens lexicais dos testes de leitura de texto e de lista de palavras, uma vez que o estudo de Gomes et al. (2013), com dados de produção espontânea, revelou o papel do item lexical no condicionamento da variação. O papel da frequência de ocorrência do item lexical tem sido observado em processos de mudança sonora que envolvem condicionamento fonético (Bybee, 2015).

A metodologia utilizada em Labov (1972a) para observar o estilo de fala era constituída pela leitura de texto, pela leitura de lista de palavras e de pares mínimos com as variantes em estudo, além de dados de produções de fala casual e fala cuidada, levantados da entrevista sociolinguística. Neste estudo não foi utilizada a leitura de pares mínimos e foi incluída uma situação de reconto do conteúdo da leitura do texto com o objetivo de

propiciar uma situação de uso menos monitorada em relação aos dois tipos de leitura, texto e lista de palavras, uma vez que os sujeitos da pesquisa não fazem parte de nenhuma amostra de fala conhecida. Com o objetivo de desviar a atenção dos falantes do real objetivo do teste, foi dito que sua intenção era verificar o quanto as pessoas se lembravam do que haviam acabado de ler, e, assim, esperava-se também que eles não fossem tão sucintos no relato.

Os testes foram aplicados a 36 falantes da comunidade de fala de Nova Iguaçu, cidade situada na Baixada Fluminense, distante 34 km da cidade do Rio de Janeiro. A aplicação dos testes foi realizada no domicílio de cada participante. Os falantes foram estratificados em três faixas etárias, 15 a 18 anos, 19 a 29 anos e 30 a 45 anos, sendo 12 falantes em cada faixa, 6 homens e 6 mulheres, todos com Ensino Médio. O município de Nova Iguaçu, de acordo com o Censo 2010, tem uma população de 796.257 habitantes e renda per capita de R\$ 591,00 (cf. www.atlasbrasileiro.org.br/2013/pt/perfilni/2179verde). Em relação ao nível de escolaridade, a grande maioria se situa na faixa do Ensino Fundamental ou sem alfabetização formal, 37,4%. A decisão de uniformizar o nível de escolaridade em Ensino Médio foi devido à dificuldade de encontrar universitários em todas as faixas etárias previstas, já que estes correspondem a 6,5% da população local, e à dificuldade de adesão ao teste quando os indivíduos verificavam se tratar de tarefa de leitura.

Para a seleção dos itens lexicais utilizados na elaboração dos textos para leitura e lista de palavras, foi feito um levantamento da frequência de itens lexicais terminados em ditongo nasal átono em diversas amostras. Os itens lexicais foram selecionados de acordo com levantamento nos corpora disponíveis sobre o Português do Brasil (Projeto ASPA/UFMG, NILC/São Carlos- UFSCar, Lael-PUC/SP-Fala e Escrita) e classificados como +/- frequentes de acordo com o seguinte critério: abaixo de 100 ocorrências, -frequente, acima de 100, + frequente, muito embora as palavras +frequentemente selecionadas apresentem frequência muito superior a 100 ocorrências. Desse levantamento foram selecionadas 20 palavras, sendo 10 de cada tipo, conforme no Quadro 1 a seguir. Parte desse conjunto foi utilizada na construção dos dois textos (Anexo 1). A totalidade dos itens apresentados no Quadro 1 foi utilizada na lista de palavras, que contou também com mais 20 palavras distratoras(2).

(2) Arquivo, cachoeira, calculadora, cebola, coração, corretivo, dinheiro, espelho, família, formiga, grampeador, igreja, lâmpada, mercado, mochila, ônibus, papelão, telefone, televisão, ventilador. As palavras distratoras se caracterizam primordialmente por não apresentarem

Quadro 1. Lista de palavras alvo de acordo com a frequência de ocorrência

+frequentes		-frequentes	
Coragem	Ontem	Bagagem	Linhagem
Garagem	Ordem	Bênção	Órfão
Homem	Órgão	Friagem	Pastagem
Imagem	Passagem	Jardinagem	Sótão
Jovem	Viagem	Lavagem	Voltagem

O procedimento consistiu na leitura de cada texto, seguido do reconto correspondente à situação lida e, por último, na leitura da lista de palavras. As palavras foram organizadas em ordem aleatória de maneira que nenhum sujeito leu as palavras na mesma ordem. Além disso, todas as palavras alvo eram intercaladas por uma palavra distratora. Os três procedimentos controlaram os diferentes graus de atenção do falante em relação à sua fala, variável estilo, na seguinte ordem do menor para o maior grau de atenção: reconto > leitura de texto > leitura de lista de palavras. As três situações do teste foram registradas em gravador digital marca Sony (ICD-PX240). As gravações foram realizadas no domicílio de cada participante.

Os itens em estudo foram posteriormente levantados e foram registradas as ocorrências das variantes em questão. Na variedade de fala do Rio de Janeiro, no caso dos nomes, o envelope da variação na fala espontânea é constituído de realização como ditongo (órfão) e de vogal oral (órfu). A realização de vogal nasalizada ocorre principalmente em formas verbais de 3ª pessoa do plural no pretérito perfeito do indicativo (*falarum*), que não foram objeto deste estudo. Mesmo que tenha havido realização como vogal nasalizada dos itens em questão, a possibilidade de avaliação social de desprestígio recai primordialmente sobre a realização da vogal oral. Por esta razão, o foco da análise é a realização da vogal oral.

2.3 Resultados

A realização da vogal oral foi analisada em função das variáveis explicativas estilo de fala e frequência de ocorrência das palavras e das variáveis estratificadoras da amostra em estudo, faixa etária e sexo. Foram obtidos 1366 dados, e foram registradas apenas 133 ocorrências de vogal oral, o

ambiente sonoro semelhante ao da variável em estudo e foram selecionadas aleatoriamente e sem levar em conta sua frequência de uso.

que corresponde a 8% do total, um percentual bastante inferior à ocorrência desta variante no estudo de Gomes et al. (2013), 45% de realização da vogal oral em um total de 322 ocorrências, com dados de fala espontânea de 12 indivíduos com nível fundamental e médio da comunidade de fala do Rio de Janeiro.

Os dados foram submetidos à regressão logística pelo Programa *Goldvarb*. As variáveis estatisticamente relevantes, isto é, selecionadas pelo programa estatístico foram estilo de fala e idade. Os resultados estão apresentados a seguir, respectivamente, na Tabela 1 e na Tabela 2.

Tabela 1. Efeito do Estilo de fala na realização da vogal oral

Estilo de Fala	Apl/N	%	Peso relativo
Reconto	22/124	17	0,735
Texto	69/663	10	0,599
Lista de Palavras	22/579	3	0,337
Total	113/1366	8	

Tabela 2. Efeito da faixa etária na realização da vogal oral

Faixa Etária	Apl/N	%	Peso relativo
15-19 anos	16/478	3	0,312
20-29 anos	64/451	14	0,599
30-45 anos	33/437	7	0,337
Total	113/1366	8	

Os resultados da Tabela 1 indicam que a tendência ao uso da variante oral decresce em função do aumento do monitoramento, isto é, há mais ocorrência de vogal oral na situação de reconto, seguido da leitura dos textos e, um decréscimo mais acentuado na lista de palavras. Os resultados de peso relativo ou probabilidade confirmam que as diferenças dos percentuais são significativas e que a tendência de realização da vogal oral se dá em função do estilo de fala, isto é, do maior para o menor grau de monitoramento. O resultado para faixa etária, na Tabela 2, indica que não há efeito de estilo em função da faixa etária, uma vez que os extremos etá-

rios, mais jovens e mais velhos da amostra coletada, apresentam a mesma tendência. A faixa intermediária é a que mais produz a vogal oral. Esse resultado reproduz a situação encontrada no estudo de Gomes et al. (2013) com dados de produção espontânea.

Uma vez que a variável frequência de ocorrência do item não foi selecionada, foi verificada a interação entre frequência e estilo de fala. Os resultados estão apresentados na Tabela 3 a seguir.

Tabela 3. Efeito da frequência de ocorrência das palavras por estilo de fala na realização da vogal oral

Estilo de Fala	+ frequentes			- frequentes		
	Apl/N	%	P. Rel.	Apl/N	%	P. Rel.
Reconto	4/39	10	0,596	18/85	21	0,776
Texto	35/331	10	0,604	34/332	10	0,596
Lista de Palavras	12/300	4	0,350	10/279	3	0,335
Total	51/370					

Na Tabela 3, pode ser observado que o efeito de frequência foi na direção contrária do esperado nos dados do reconto, pois apresenta maior tendência de ocorrência de vogal oral, 21% e peso relativo de 0,776, nas palavras menos frequentes que nas palavras mais frequentes, que apresentaram 10% de realização de vogais orais e peso relativo de 0,596. O esperado era uma maior ocorrência da vogal oral em itens lexicais mais frequentes nesse contexto pelo menos, uma vez que processos de variação sonora com motivação fonética tendem a afetar os itens lexicais mais frequentes (Bybee, 2015:40-43). Esses resultados levam à reflexão sobre a adequação dessa metodologia para observar frequência de ocorrência da palavra, uma vez que a imprevisibilidade de ocorrência, no reconto, dos itens presentes no texto levou a um problema de distribuição de dados dos dois tipos. Por outro lado, o efeito de frequência foi neutralizado na leitura do texto, na qual tanto as palavras mais frequentes quanto as menos frequentes apresentaram a mesma tendência de ocorrência da vogal oral, sendo observada a mesma situação na lista de palavras.

Ainda, o fato de não haver diferença entre homens e mulheres, uma vez que essa variável não foi selecionada pelo Programa *Goldvarb*, mostra

que não deve haver um forte estigma associado a esta variante. Por outro lado, houve uma redução drástica de ocorrência em contextos de alto monitoramento (leitura do texto e da lista) o que mostra que há algum grau de percepção da variante oral. Foi verificado, portanto, que há estratificação estilística na realização da variante oral, uma característica associada a um marcador linguístico nos termos de Labov (1966). Os conceitos de marcador linguístico, indicador e estereótipo são caracterizações que indicam um tipo de diagnóstico social de variáveis linguísticas a depender da associação entre uso dessa variável pelo falante e o grupo social em que se situa o falante. Marcadores linguísticos, além de apresentarem estratificação estilística, também apresentam estratificação social gradiente, isto é, os percentuais de uso não são muito acentuados entre os diversos grupos sociais, enquanto os indicadores não apresentam estratificação estilística, embora apresentem estratificação social. Já em relação às variáveis classificadas como estereótipos, além de se caracterizarem por diferenças percentuais abruptas entre grupos sociais, acentuando a identificação (ou estereótipo) de determinado grupo social, os falantes têm consciência delas e as comentam abertamente.

Assim, a estratificação estilística observada neste trabalho para a variante vogal oral indica que, de alguma maneira, a variável não é prestigiada em certas situações de uso que envolvem maior formalidade e se somam aos resultados de escolaridade do estudo de Gomes et al. (2013). Esses resultados não esgotam o entendimento do significado social desta variável no Português Brasileiro, que pode ser ampliado com a verificação de atitudes dos falantes na produção e percepção da variante em função tanto de categorias sociais maiores como de comunidades de prática, assim como pode ser avaliada em relação a outras variáveis em um continuum de avaliação com os extremos prestígio-estigma. Além disso, ainda está em aberto a questão do efeito de frequência de ocorrência dos itens lexicais, para checar a possibilidade de haver diferença de percepção da variante oral em diferentes itens lexicais.

3. Conclusão

Após mais de meio século de pesquisas, diversas considerações foram conduzidas em relação a aspectos teóricos e metodológicos da pesquisa sociolinguística apontando novas abordagens e metodologias e uma delas diz respeito ao significado social da variação sociolinguística. Esse artigo apresentou resultados de estudo sobre a variação entre ditongo nasal final

átono e vogal oral em função do estilo. A exposição dos resultados foi precedida de uma reflexão crítica sobre a avaliação de Eckert (2012) relativa às abordagens ou “ondas” das pesquisas na área em relação ao significado social da variação, com o objetivo de situar a metodologia aqui utilizada no conjunto de práticas analíticas da pesquisa sociolinguística. Com relação às diversas “ondas” ou abordagens para o entendimento do significado social da variação, defende-se que o grande desafio é a busca de uma modelagem interdisciplinar que contemple tanto categorias macro quanto microssociais, isto é, conjugando aspectos econômicos, sociológicos e antropológicos no entendimento das categorias sociais e sua relação com o conhecimento linguístico.

Os resultados obtidos neste estudo mostraram que há estratificação por estilo de fala no condicionamento da vogal oral que alterna com ditongo nasal ou vogal nasalizada. A estratificação estilística é indicativa de que a vogal oral é associada a situações de uso que envolvem menor tensão comunicativa, menor formalidade, sendo evitada em situações de maior formalidade. Esse resultado, associado ao efeito da escolaridade presente em dados de produção espontânea do estudo de Gomes et al. (2013:166), em que se observa o decréscimo gradual de uso da vogal oral com o aumento da escolaridade, permite dizer que há a atribuição de algum grau de estigma a esta variante.

Acessar o significado social da variação requer observar o comportamento do falante tanto na situação de produção quanto na de percepção. Assim, este estudo traz resultados que constituem um ponto de partida para outros trabalhos que procurem situar o significado social da variável linguística em questão no que diz respeito a sua relação com outras variáveis em um *continuum* de prestígio-estigma e as significações sociais que pode assumir na comunidade de fala. Além disso, a questão da consciência do falante em relação às formas linguísticas envolve a atenção prestada à fala, o que suscita novos caminhos metodológicos de estudo para além da abordagem clássica aqui utilizada.

ANEXO 1

Texto 1

Benção do Papa em passagem pelo Brasil na inauguração de órgão para órfão

Como estamos em época de eleição, prefeitura e governo fizeram um prédio para abrigar o novo órgão de apoio ao órfão carente. A construção foi rápida e o resultado muito bonito. O destaque foi tão grande que até o Bispo e o Papa vieram dar a sua bênção. Contudo, enquanto a cerimônia era preparada, eles resolveram conhecer as instalações do prédio e descobriram um sótão escuro onde eram colocadas as crianças desobedientes. O Papa e o Bispo ficaram horrorizados com o que viram, e, o que seria apenas uma passagem dos dois, virou manchete de jornal. Onde já se viu colocar criança de castigo em sótão?

Texto 2

Um homem e uma jovem com atitude suspeita na rodoviária

Ontem, vi na rodoviária um homem e uma jovem com uma bagagem. Os dois eram muito suspeitos e parecia que estavam fugindo. Eles falaram com a caixa da rodoviária e compraram a passagem para São Paulo. Estranhei, pois quando fui esperar o ônibus, vi que haviam partido, mas a bagagem tinha sido deixada para trás. Se perderam a passagem e largaram a bagagem para trás, logo pensei que fosse droga ou algo do tipo, mas a minha curiosidade me forçou a abrir a mala. Quando olhei havia materiais de jardinagem e fiquei sem entender nada, porém logo depois chegaram os câmeras dizendo que era uma pegadinha. Quem viaja com material de jardinagem?

Referências Bibliográficas

- BATTISTI, E. (2002). A redução dos ditongos nasais átonos. In: Bisol, L.; Brescancini, C. (Orgs.) *Fonologia e variação - recortes do português brasileiro*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 183-202.
- BELL, A. (1984). Language style as audience design. *Language in Society*, 13(2), 145-201.
- BORTONI, S. M., Gomes, C. A., Malvar, E. (2003). The Principle of Saliency Revisited. In: Schlieben-Lange, B.; Koch, I. V., Jungbluth, K. (Orgs.) *Dialog Zwischen den*

- Schulen: Soziolinguistische, konversationanalytische und generative Beiträge aus Brasilien*. Münster: Nodus Publikationen, 61-72.
- BYBEE, J. (2001). *Phonology and language use*. Cambridge: Cambridge University Press.
- BYBEE, J. (2015). *Language Change*. Cambridge: Cambridge University Press.
- CHAMBERS, J. K. (2002). Patterns of variation including change. In: Chambers, J. K., Trudgill, P., Schilling-Estes, N. (orgs.) *The Handbook of Language Variation and Change*. Oxford: Blackwell, 349-372.
- COETZEE, A., Kawahara, S. (2013). Frequency biases in phonological variation. *Natural Language and Linguistic Theory* 40(1), 47-89.
- ECKERT, P. (1989). *Jocks and Burnouts: Social Categories and Identity in the High School*. New York: Teach. Coll. Press.
- ECKERT, P. (2000). *Linguistic Variation as Social Practice*. Oxford: Blackwell, 2000.
- ECKERT, P. (2012). Three waves of variation study: the emergence of meaning in the study of sociolinguistic variation. *Annual Review of Anthropology*, Palo Alto, 41, 87-100.
- ECKERT, P. (2015). Variation, convention, and social meaning. *Paper Presented at the Annual Meeting of the Linguistic Society of America*. Oakland, CA. Jan. 7, 2005. Disponível em: < <http://lingo.stanford.edu/sag/L204/EckertLSA2005.pdf> >. Acesso em: 22 mar. 2016.
- GURVITCH, G. (1982). *As classes sociais*. São Paulo: Global Editora.
- GUY, G. R. (1981). *Linguistic variation in Brazilian Portuguese: aspects of the phonology, syntax, and language history*. PhD Dissertation, University of Pennsylvania.
- HORA, D., Wetzels, L. (2011). A variação linguística e as restrições estilísticas. *Revista da ABRALIN*, n. esp., 147-188.
- LABOV, W. (1966). *The Social Stratification of English in New York City*. Washington, DC: Center for Applied Linguistics.
- LABOV, W. (1972a). The isolation of contextual styles. In Labov, W. *Sociolinguistic Patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 70-109.
- LABOV, W. (1972b). The reflexion of social processes in linguistic structure. In Labov, W. *Sociolinguistic Patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 110-121.
- LOPES, L. W., Lima, I. L. B. (2015). Estilo e atitudes linguísticas quanto ao processo de palatalização das oclusivas dentais. *Revista da ABRALIN*, 14(1), 247-272.
- MEYERHOFF, M. (2008). *Introducing Sociolinguistics*. London: Routledge.
- MILROY, L. (1987). *Language and Social Networks*. Oxford: Blackwell.
- MILROY, L. (2002). Social Network. In: Chambers, J. K.; Trudgill, P.; Schilling-Estes, N. (Orgs.) *The Handbook of Language Variation and Change*. Oxford: Blackwell, 594-572.
- MUNSON, B., Edwards, J., Beckman, M. (2005). Phonological knowledge in typical and atypical speech–sound development. *Topics in Language Disorders* 25(3), 190-206.

- OUSHIRO, L. (2015). *Identidade na pluralidade: avaliação, produção e percepção linguística na cidade de São Paulo*. Tese de Doutorado. USP.
- PIERREHUMBERT, J. B. (2003). Probabilistic Phonology: Discrimination and Robustness. In: Bod, R.; Hay, J.; Jannedy, S. (Orgs.) *Probability Theory in Linguistics*. The MIT Press: Cambridge MA, 177-228.
- PIERREHUMBERT, J. B. (2016). Phonological representation: Beyond abstract versus episodic. *Annual Review of Linguistics* 2, 33-52.
- SILVERSTEIN, M. (2003). Indexical order and the dialectics of sociolinguistic life. *Language & Communication*. 23, 193-229.
- SCHILLING-ESTES, N. (2002). Investigating Stylistic Variation. In: Chambers, J. K., Trudgill, P., Schilling-Estes, N. (Orgs.) *The Handbook of Language Variation and Change*. Oxford: Blackwell, 375-401.
- SCHWINDT, L. C., Silva, T. B. da (2010). Panorama da redução da nasalidade em ditongos átonos finais no português do sul do Brasil. In: Bisol, L., Collischon, G. (Orgs.) *Português do sul do Brasil: variação fonológica*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 15-30.
- SCHWINDT, L. C., Silva, T. B. da, Quadros, E. S. de (2012). O papel da morfologia na redução da nasalidade em ditongos átonos finais no português do sul do Brasil. In: Lee, S-H. (Org.) *Vogais além de Belo Horizonte*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, v. 1, 349-359.
- TARALLO, F., Duarte, M. E. L. (1988). Processos de mudança linguística em progresso: a saliência vs não saliência de variantes. *Ilha do Desterro*, 20, 44-58.
- VOTRE, S. (1978). *Aspectos da variação fonológica na fala do Rio de Janeiro*. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- WEINHEICH, U, Labov, W, Herzog, M. (1968). Empirical Foundations for a Theory of Language Change. In: Lehmann, P., Malkiel, Y. (Orgs.) *Directions for Historical Linguistics*. Austin: University of Texas Press, 95-188.
- ZHANG, Q. (2005). A Chinese yuppie in Beijing: phonological variation and the construction of a new professional identity. *Language in Society*, 34, 431-66.

[Recebido em 2 de novembro de 2016 e aceite para publicação em 21 de janeiro de 2017]